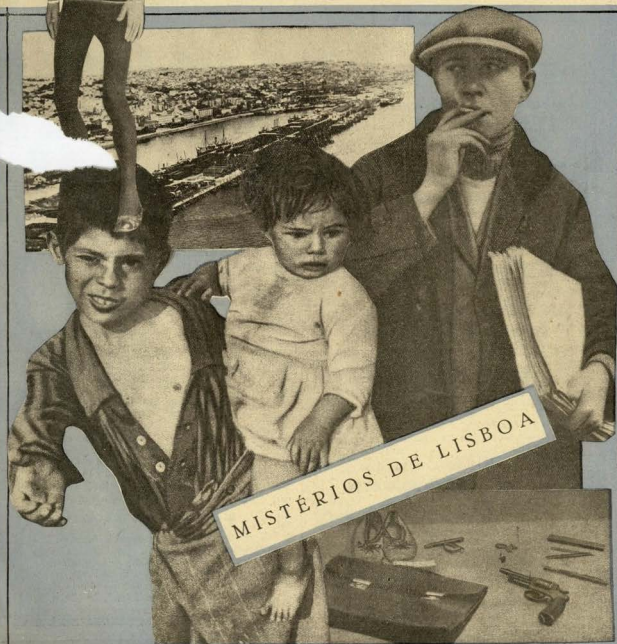


Ano I - N.º 46

20 Junho 1931

# reporter.

Semanário das grandes reportagens



MISTÉRIOS DE LISBOA

# reporter

## semanário de maior tiragem e expansão em Portugal

Grande reportagem e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

Propriedade exclusiva de C. Cal

Director e Editor

**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
**ROSSIO, 3, 3.º-TELEFONE: 2 5442-LISBOA**  
End. Telegr.: **REPORTERX-LISBOA**

Delegação no Porto

**R. DA FÁBRICA, 11, 2.º-TELEFONE: 4353**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
Bertrand (Irmãos) Lda,  
Travessa da Condessa do Rio, 27 - Lisboa

### TABELA DE PREÇOS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11850  
6 " " " 25 " —Esc. 22850  
12 " " " 52 " —Esc. 44850

Para os colónias e estrangeiro acrescentar os respectivos portes

Pagamento adiantado

## BALANÇAS AUTOMATICAS ROMAO

PERFEITAS, RIGOROSAS,  
HIGIÉNICAS, ECONÓMICAS,  
ELEGANTES, RÁPIDAS

Em competição com as melhores marcas estrangeiras



Reparações em todos os modelos

## ROMÃO & COMP.<sup>A</sup>

FABRICANTES DE BALANÇAS

CASA FUNDADA EM 1778

**CRUZES DA SE, 13-29**  
**LISBOA**

## A FAVORITA, L.<sup>DA</sup>

FABRICA A VAPOR DE  
SABONETES E PERFUMES

Sabonetes, Loções, Agua de Colonia,  
Pó de arroz, Elixir, Cremes, Saes, Pin-  
turas para cabelos, Petroleos, Brilhan-  
tinas, Pastas dentifricas, Esmalte  
para as unhas, «Rouge», Extractos, etc.  
SECÇÃO ESPECIAL: P. C. T. E.

DEPÓSITO GERAL

FÁBRICA

RUA ARCO BANDEIRA, 160, 1.º (FRENTE) RUA FRANCISCO METRASS, C. M. L.  
LISBOA LISBOA

## PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e Amé-  
rica do Norte

Agente no Norte da

**UNITED STATES LINES**  
**Nicolau Ferraz**

R. do Loureiro, 60-Tel. 762-Porto

Deite fóra todas essas aguas, gotas, azeites e  
tantas outras drogas que lhe têm impingido  
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua  
bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empra-  
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.  
Constatará que é só

## Komol

KOMOL, dispoendo de 18 cores à sua escolha,  
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe  
em sua casa e sem auxilio de ninguém, resti-  
tuir a cor natural aos cabelos em 15 minutos  
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-  
guém conhecendo que foram pintados.

**CAIXA 25\$00**

A venda nos melhores estabelecimentos. Re-  
presentante M. CABRAL — R. Camilo Castelo  
Branco, 20, Telefone N. 3831. — Depositário —  
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 —  
Telefone 2 1415 — Agente no Porto — A.  
QUADROS Jor. — R. de Traz, 7, 2.º — Telef. 87



# Como cada povo vê os outros

UM dos lugares-comuns irremediáveis e frequentes dos meus artigos é a confissão de que sou um colecionador pouco vulgar. Coleciono... coleções. E entre as muitas que hipertrofiam os meus *dossiers* torna-se oportuno citar aquela em que reúni as «idéias» que «cada povo» urde «a propósito dos outros povos», em geral, e do «nosso povo», em especial. E torna-se oportuno, pela simultaneidade com que me caíram sob os olhos três críticas estrangeiras a propósito de Portugal e dos portugueses. Uma, dum inglês, Beldy Hort, deputado que se deixou entrevistar pelo «Evening News» sobre política exterior e que declarou, a meio dum rosário de arbitrariedades, distribuídas por todos os países, que «Portugal era viveiro de frades e freiras e que raras eram os portugueses que usavam telefone e carros eléctricos.



A última vez que estive em Paris, há poucos meses, de caminho para Londres, fui ver, com o meu illustre camarada e mestre da reportagem moderna, Adelino Mendes, a revista em cena no «Folies Bergères». Era, como todos os esforços do teatro francês nos últimos tempos, uma triste expressão de cansaço, de esgotamento inventivo. Salvava-se um quadro

## povos e como os outros povos nos vêem à nós



Os próprios automóveis são só exclusivo das colónias cosmopolitas! A segunda crítica é igualmente cretina. Foi um alemão — Beld Krauss — que, fazendo desenrolar um capítulo do seu romance «Tch und die frau na cidade (?) de Belem (Portugal) faisca o seguinte comentário: «Karl (o herói do romance) entrou em Belem, uma das mais importantes cidades do país, montado num gerico — único meio de transporte de que dispunha. Como hotel teve uma barraca de madeira, onde os quartos eram verdadeiros ataúdes e as camas duras como pedra. Moscas e ratos por toda a parte. Cá em baixo, na taberna que servia de sala de jantar, espalhavam-se tipos suspeitos de contrabandistas da vizinha Espanha e apaches cantadores de *tangos*». A terceira crítica é do húngaro Stanton e num artigo do *Wilder* de Budapeste oferece-nos a seguinte imagem literária: «...e é preciso que Mr. Benés (chefe do governo da vizinha Tchecoslováquia) não pense que os *magyares* formam uma raça mestiça como a portuguesa — e que por isso se sujeita, vaidosamente, a uma situação de internacional inferioridade».

...Stop! Não façam comentários antes de tempo — nem gastem a preciosa cêra da vossa cólera com tão ruins refuntos. Somos, de facto, um país inverosimilmente ignorado, sofremos as azaígas envenenadas das colónias, mas, verdade se diga entre eles, entre esses povos que nos ignoram e nos calúniam, cruzam-se também toda a escala de fantasias mordentes, de falsidades cortantes, mais dolorosas para os atingidos, visto que estes são grandes países, países conhecidos, países-zares, países fortes... Basta folhear o *dossier* onde amealho essas críticas...

de crítica internacional. Ao fundo quadriculavam-se como que quatro minúsculos proscênios — servindo de pano de boca as capas da revista mais popular da França (*Vie Parisienne*), da Inglaterra (*John Bull*), da Itália (*Stampa*) e da Alemanha (*Tage Blatter*). O *compère* dizia para a *commère*: «Queres vêr como a França vê a Inglaterra?» Subia a capa da *Vie Parisienne* e surgia um casal clássico de «bifes», êle de fato enxadrezado, suíças, boné escosês, binóculo a tiracolo; ela de colarinhos de sufragista, chapéu masculino, óculos, feíssima — ambos hirtos, monossilábicos, clássicos. Que bebiam? *Whisky and sodal* Que dansavam? O *chifarote!* O que comiam? *Roast-beef* com batatas! A seguir entrava um casal de franceses — tal como os ingleses os vêem: êle com barbas ponteagudas, de fraque, chapéu alto, mo-



nóculo, misto de Max Linder, Armando Duval e caixeiro do *Printemps*; ela espaventosa, pintadíssima, descaradíssima. Como viviam? Amando a todas as horas! O que dansavam? O *cancan*. O que bebiam? *Champagne!* O que comiam? *Omelette aux fines herbes!* Depois — vinham os italianos, vistos pelos alemães: êle quedelhudo, de bigodeira feroz, camisola listrada; ela, de napolitana; êle, feroz nos ciumes e nos ódios, matando chacinando vidas sobre vidas; ela seduzindo todos os homens com o seu sorriso fatal. O que bebiam? *Lagrima Christ!*

O que dansavam? A *tarantela*. O que comiam? *Maccheroni...* e alhos! Como viviam? Praguejando, matando! Por fim — os alemães... vistos pelos italianos. Êle de fraque verde, calças azues, colete vermelho, bigodes à *Kaiser*, um chapéuzinho tirolês, com uma pena de galo espetada; ela, um monstrogo obeso, de óculos e punhos de homem. O que bailavam? A valsa. O que comiam? *Salchichas* com batatas! O que bebiam? *Cerveja!* — «Não te fies nestas amostras — dizia o *compère*. — Queres ver a verdade? Olha e ouve!». Subiam os «panos de boca» dos quatro países, e os cenários e as personagens de todos os quadros eram idênticos: no da França, Inglaterra, Itália, Alemanha havia um *bar*, e no *bar* rapazes de *smocking* e mocinhas elegantes. O *compère* dirigia-lhes as mesmas perguntas: «O que é que vocês bebem? Os quatro respondiam: *Cocktail*. E o que comem? *Hors d'œuvres!* E o que bailam? O *Charleston!* E como vivem? A parisiense!

E é a verdade! A civilização e o encurtamento das distâncias destruíram as mais velhas características de cada povo; e cada povo, hoje em dia, oferece à orquestração geral dos povos um costume seu que junto aos costumes dos outros forma um *menu* único na vida das nações. Paris vive como Nova York; esta como Londres, Londres como Berlim — o que não quer dizer que em Paris (como em todas as outras cidades) não dansem o *Charleston*, que é nova-yorquino, ou que Nova-York não inclua nos seus hábitos o *five o'clock*.

(Continua na página 14)







# AFONSO XIII RE- PONDE A UM ARTIGO DO Reporter X

Um dos seus acólitos, o Conde de Castromero, escreve-nos... e fala-nos das finanças do ex-soberano

OS reis e os príncipes não são homens como nós, a não ser que tu, leitor, sejas príncipe ou rei. E é um ideologista do outro polo, e portanto um insuspeito, quem o afirma. Nem sequer os presidentes de repúblicas se lhes assemelham, visto que estes são apenas homens guindados à chefia de Estados, mas homens não fora do planeta dos reis como os outros. A Humanidade divide-se em duas castas: a dos *homens*, que somos nós todos, incluindo os presidentes, e a dos reis.

Falo com experiência de causa, posto que a aventura profissional me proporcionou vários *raids* até essa zona de éter, superior à que o professor Piccard atingiu no seu balão, e que é a pátria comum de todos os soberanos. Entrevistei em 1920 Alexandre da Sérvia, numa sala do Hotel Continental, de Paris, sob a umbela diplomática do dr. Gastão da Cunha, já falecido, antigo ministro do Brasil em Lisboa, e então embaixador em França. Não simpatizei com esse moço imperialista; escutei-lhe esta frase, amarga para mim: «A Sérvia não é, como Portugal (S. Majestade tomara-me por brasileiro...), um país *gasto*. Está em plena juventude histórica e com forças suficientes para exigir a sua legítima de felicidade... Assisti à sacudidela exterior que uma contracção do esfago — vulgo, «arrôto» — lhe provocará, plebeia consequência de um excesso gastronómico. E, contudo, a emoção que me dominava (eu tinha então 22 anos apenas), era a de um fanático ante um milagre divino. Entrevistei Alberto I, da Bélgica, no seu regresso do Brasil, e para os jornais do Brasil, a bordo do cruzador «S. Paulo», e ao vê-lo tão simples, tão tímido e acanhado, a gaguejar as frases, a soltar uma inofensiva praga quando um fósforo lhe queimou os dedos, a queixar-se das botas, que eram

novas e não se harmonizavam com um velho calo irritante, a evocar os filhos — «mes gosses» — com a validade terna dum burguês que elogia as virtudes dos «seus rapazes», manteve a mesma involuntária distância astronómica de quem contempla, por um óculo, um habitante da Lua. Entrevistei ainda o rei da Dinamarca e o filho (um gigante soturno como um Hamlet vestido pelos alfaiates do

Grandela); o *Schah* da Pérsia, imbeciloide, bochechudo, dum *donjuanismo* bajeiro e duma inconsciência inacreditável; o príncipe de Piemonte; os netos do *Kaiser*, filhos do *Kronprinz*, vivos, curiosos, cultos, preguntadores; o príncipe consorte da Holanda, burguezão simpático, resignado à sua subalternidade ante a real esposa; e com todos, por mais evidentes que fôsem as fraquezas, por mais eloqüentes que se apresentassem as suas vulgaridades humanas, me mantive sob a mesma sugestão de pigmeu.

Paradoxal é este meu artigo, em que desmento o dogma mais matraqueado pelos ideais que professo, o dogma de que o rei é um ser apenas soerguido da Humanidade pelo esplendor teatral, convencional e histórico, do seu título hereditário. Mas, verdade é também que se um rei perde o trono — o feitiço quebra-se imediatamente, e o ente que ontem era primo de Júpiter e de Apolo projecta-se nos espaços e vem cair entre nós, ficando irmanado aos outros homens. Prova-o o caso do rei Nicolau, do Montenegro. Pequena realeza a sua, visto que todo o povo cabia, à falta, na mais minguada província de Portugal. Obtenho de Sua Majestade, pai do príncipe da *Viuva Alegre*, uma audiência; e mesmo quando ele, na sala do «Meurice», me estendeu a mão e apertou a minha, havia entre nós um abismo tão profundo que senti a vertigem do Infinito. Pois bem: dois meses depois, abdicou; voltei a procurá-lo; apareceu-me com o mesmo «frac», o mesmo sorriso, na mesma sala, a estender a mesma mão; e, mal o vi, de extremo a extremo da sala, senti-me tão próximo como se o abraçasse; tão à vontade como se fosse um velho camarada...

Toda esta lenga-lenga vem a pretexto de Afonso XIII. Ora eu...

\*\*\*

Recordo-me dos seguintes episódios com Afonso XIII, quando cá fora, no estrangeiro, se pensava que Afonso XIII era o rei mais popular do mundo. Após dōze anos de amão, o rei de Espanha faz a primeira visita a Barcelona. Foi a seguir aos dois anos de terror vermelho e branco. Barcelona estava a transbordar de policia secretas. O director do Hotel Ritz, recém-inaugurado, movera todos os empenhos para que ele se hospedasse no seu hotel. Como o conseguira? Procurando que certa «miss» norte-americana, tão bela como esquiua, que S. M. vira, a distância, num camarote do Real Teatro, se instalasse nuns aposentos do primeiro andar. Dizia-se que esses aposentos eram vizinhos aos de S. Majestade. Mas no Ritz vivia também uma das actrices mais famosas da Espa-



Afonso XIII

nha. Durante o segundo almoço, nós, jornalistas, fomos convidados a comer na mesma sala — como tínhamos sido na véspera, ao banquete de La Lonja —, e assistimos a um espectáculo único: à cena de ciúmes que essa artista — L. de U. — fez a S. M., acercando-se, sem protocolos, da mesa, e discutindo... e esbracejando, indignada com a presença da «miss» yankee. E Afonso XIII, de pé, sereno, sorriu, sorriu e cortou a cena, oferecendo-lhe a mão, para ela a... beijar. Na segunda visita a Barcelona — 8 meses depois —, deu-se o célebre banquete de Las Planas, para que fôram convidados os oficiais da guarnição, e onde o discurso do soberano decidiu da atitude de Primo de Rivera. Após o banquete, Afonso XIII quis conhecer os jornalistas que haviam participado da sua mesa. Foi Vila de S. Juan, redactor de *El Diluvio*, quem fez as apresentações. Para cada um de nós teve uma frase. Para mim, essa frase foi pitoresca: «Com que idade se começa no seu país a ser jornalista? *Es usted un niño, todavia...* Não julgue que... o censuro. Mais novo era eu quando comeci outra profissão... um pouco mais difícil do que a sua: a de reis.

O último episódio desenrolou-se na sala do Teatro Rainha Vitória, de Madrid, em 1923, durante um ensaio geral. Entrei na

(Continua na página 13)



O Conde de Castromero



# O CUL DE BACILUS

OSCAR Fernandes — um português que permaneceu ausente no estrangeiro durante vinte e cinco anos — interrompera-se, quasi asfixiado nas próprias palavras. Havia muito tempo que ele não tinha ocasião de falar a língua maternal. Vivera em países onde os compatriotas eram raríssimos. Permanecera na Bulgária, na Sérvia, na Turquia, na Alemanha. E agora, chegado na véspera a Portugal, procurava, quasi com insolência, os interlocutores portugueses. Nos estabelecimentos onde entrava a fazer compras, a propósito do preço, da qualidade, da perfeição dos artigos que adquiria, fazia verdadeiros discursos parlamentares, gozando voluptuosamente as palavras que saíam da sua boca viciadas por pronúncias bárbaras e misturadas com vocábulos estranhos. Conversava com os *chauffeurs* dos *taxis* que o conduziam, palestrava com os *grooms* do hotel, com os transeantes que lhe pareciam mais acessíveis, disfarçando a sua ansia de falar português com a necessidade de pedir informações. Quando entrámos no *Suíço*, não sabemos que nos teria ele encontrado na cara, logo se nos dirigiu, num sorriso, e entabou conversa. Tinha precisão imperiosa de falar, de recordar inteiramente a sua língua.

— O cavalheiro desculpe — disse-nos —, mas é tão parecido com um amigo meu, um africano leal e inteligente, com quem convivi muito, há vinte e cinco anos, quando abandonei Portugal... Pensei que fosse filho ou primo...

Calculo que o africano amigo só existia na sua fantasia. Aquilo era apenas um pretexto para palestrar, para me contar atabalhoadamente a sua vida de aventura no estrangeiro, ora na miséria, ora na prosperidade, hoje em Atenas, suave e luminosa, amanhã em Belgrado sinistra, depois em Stambul, mais tarde em Berlim ou Hamburgo. Oscar Fernandes interrompera-se para nos mostrar o passaporte perfeitamente em ordem e dar à palestra uma *tourneur* que nos interessava muito particularmente.

## Um Quasímodo real

— Foi pouco antes da guerra que, depois de uma ausência de quasi dez anos do meu país, tornei a falar com um português. Era eu sócio de um laboratório de produtos químicos e farmacêuticos em Belgrado. Estávamos procedendo a um balanço e, para ganhar tempo, eu ia todas as noites ao estabelecimento, onde me conservava duas ou três horas, pondo contas em ordem, arrumando papelada. Uma noite, um dos empregados veio avisar-me: «Está lá fora um sujeito que parece estrangeiro que lhe quero falar». Um pouco intrigado, mandei-o entrar para o meu gabinete. Foi nessa noite que eu vi o homem mais esquisito,



mais excêntrico que se pode conceber.

«O senhor leu a *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo? Lembra-se do Quasímodo, personagem vesga, surda, um póço de defeitos físicos, que ocultavam, afinal, uma grande sensibilidade? Pois bem, o meu visitante apresentava um corpo retorcido, uma corcunda de dromedário, um pescoço de girafa, movendo-se ao colarinho largo como uma criança num salão, uns olhos piscos, vésagos, a boca enorme, de lábios muito finos, rasgada até às orelhas, que eram grandes e descidas, e uma fronte alta, polida, abaulada, calva. Verifiquei depois que esse homem ocultava no físico de um Quasímodo exagerado — se é possível — a alma maquiavélica de um Cláudio, o diácono diabólico que sonhava com a pedra filosofal. Era a alma da Idade Média reencarnada num indivíduo do século XX».

## Bacilus amestrados

Oscar Fernandes julgou entrever uma dúvida no nosso rosto.

— Não me acredita? Toma-me por um intrujão? Eu não conheço ninguém em Portugal. Em todo o caso, pode informar-se a meu respeito junto do nosso cônsul em Dresden, onde vivi ultimamente, e tem aqui o meu cartão e a minha morada nessa cidade: Willelmstrass, 44 e 48 — laboratório químico-farmacêutico, que é a minha especialidade.

Sossegámo-lo. Acreditámos piamente na sua sinceridade. Ele, então, com uma chama de contentamento no olhar, proseguiu:

— Pois esse tipo estranho entrou silencioso no meu gabinete, cumprimentou-me com um ligeiro aceno de cabeça. Mandei-o sentar. Sem mais cerimónias, amesandou-se num «mapple». Sentei-me numa cadeira, observando-o de soslaio. Ele olhou em torno, como que temendo que o escutassem, e disse-me, em voz cava, soturna, e num português esplêndido, inesperado para mim: «Sou um seu compatriota, expatriado desde os quinze anos, e tenho cinqüenta e dois. Só ontem me constou que havia outro português nesta cidade. Procurei-o ansiosamente para lhe comunicar um segredo que só a um português se pode contar». Esfreguei os olhos. Julgava-me vítima de uma alucinação, de um sonho extravagante. O gêbo prosseguiu, após uma pausa: «Cursei

# TIVA

medicina em Oxford. Fui um aluno de destaque. Exerci clínica, durante alguns anos, em Londres, mas o meu feito especial não suportava a maçada dos doentes». Dizendo isto ria, escancarando a boca enorme, mostrando uns dentes descarnados como os de uma caveira. «Preferia o isolamento no laboratório, a meditação, a observação silenciosa. Sou um misantropo. As doenças de origem bacilar interessam-me, ou melhor, interessavam os bacilus. Um caldo de cultura, onde eu seguia a par e passo a evolução e as metamorfoses dos bacilus, vendo-os engordar e multiplicar-se, transformar-se e crescer, divertia-me mais do que uma noite de bom teatro. O melhor espectáculo que se pode oferecer ao homem é o do infinitamente pequeno e infinitamente poderoso. Conhecer em toda a sua maravilhosidade e estupenda extensão o poder de um micróbio infinitesimal constitui, para mim, um divertimento inexcedível. Estudei, observei, e tirei conclusões em pequena escala, evidentemente. Concluí que um sábio pode dirigir uma epidemia como um *chauffeur* conduz um «auto». Depende da maneira como cultivar certos bacilus. Há quem faça criação de cavalos, eu faço de bacilus. Há quem combata

esses germens de doença, eu aperfeiço-os, porque nisso há também a sua utilidade, e manejo-os como um artista de circo orienta e guia uma *troupe* de cães amestrados».

## Um negócio maquiavélico

— Eu tinha a impressão — continuou ele — de que estava falando com o próprio Demo. — «Venho propor-lhe um negócio, meu caro compatriota — disse ele. — Fariamos uma sociedade, só os dois, clandestina; evidentemente, e exploraríamos as minhas descobertas em grande escala. Os materiais possuí-os você, no seu estabelecimento químico-farmacêutico. Tem o que me falta: material e dinheiro. Eu, hoje, não tenho nada. Só tenho isto». E apontava a cabeça.

«Até hoje, a pneumonia não era considerada uma doença epidémica. Pois eu descobri que se pode transformar uma simples pneumonia numa peste pior do que as da Idade Média, capaz de matar em poucos meses toda a Humanidade». E ria-se, com uma chama de alegria nos olhos piscos. «Espalhada cientificamente, esta epidemia tem a comêço a aparência de uma *grippe*, mas depressa se instala nos pulmões e gera a pulmonia. Ah! os meus bacilus estão bem amestrados...» E voltava a rir com gosto. «Ora, no nosso tempo, essencialmente guerreiro, uma epidemia vale mais do que os mais poderosos canhões. Compreende-me?» E baixando a voz: «A França, a Alemanha ou mesmo a América do Norte poderiam entrar em negociações comnôco. Ficaríamos em pouco tempo aqui-milionários. Tem receio de morrer, de ser atingido pela doença que por nosso intermédio se espalhasse pelo mundo? Não seja criança! Descobri também a imuni-

# DOR O FANTASMA

dade. Poderíamos aniquilar a Humanidade inteira e ficarmos sózinhos no globo. A imunidade também é um segredo meu. Compreende o meu negócio? Supunhamos que a Alemanha nos compraria o segredo da epidemia pneumónica... Ficaria inibida de aplicá-lo se não nos comprasse a seguir o segredo da imunidade. De contrário aniquilar-se-ia. E com a segunda ganharíamos quanto quiséssemos. Percebe?» Sim, percebia... Percebia que estava em presença de um monstro moral mais repugnante do que o seu físico. Pedi-lhe para meditar sobre o caso. E nunca mais lhe apareci,

## Quem se aproveitou da descoberta?

«Os anos passaram, e durante a guerra a *grippe* pneumónica grassou por todo o mundo. Pressenti que andava ali o dedo do sábio maquiavélico, desse português estranho que me procurara um dia no meu estabelecimento de Belgrado. Suspeitei que tivesse vendido o invento à Alemanha. Mas nesse país a pneumónica grassava também e durante algum tempo ardeu da mente a hipótese do governo alemão ter adquirido a descoberta. Eu séguia sobre o *mappa-mundi* a evolução fantástica da doença. Enroscava-se no globo, num sinistro abraço de morte. Atingia todos os continentes e todas as raças, procurando de preferência as mais fortes e puras. Um dia, reparei que na Alemanha — eu estava de passagem em Berlim com passaporte espanhol — a pneumónica diminuía com velocidade assombrosa. Então compreendi tudo. O cultivador de bacilus devia ter vendido o segredo da imunidade. Vim a Belgrado e no jornal *Pravda*, de 12 de Junho de 1917, publiquei a entrevista mais sensacional dessa época, relatando as cenas que lhe contei agora e acusando a Alemanha da prática do maior crime de lesa-humanidade. A espionagem alemã manobrou. Houve sumidades médicas aliadas que, inconscientemente manobradas pela espionagem alemã, me apodaram de louco.

— E como se chamava esse médico sinistro? — inquirimos, interrompendo-o, ao cabo de uma hora.

— Joaquim de Freitas. Foi esse, pelo menos, o nome que ele me disse, nessa noite inolvidável de Belgrado.

REPORTER MÁRIO

Quereis dinheiro?

Jogai no

**GAMA**

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 p.m. regist.

SEMPRE SORTES GRANDES!!!



# DE S. TORCATO

## PASSEANDO PELOS TELHADOS DE GUIMARÃES

Dois reportagens velhas e uma da actualidade — O Santo Um cadaver intacto durante 1.200 anos — Um crime e uma confidencia — A seita — Fantasmas civilizados

ANTES de entrar no âmago deste mistério, vou recordar duas velhas reportagens... Uma refere-se ao sineiro do templo de S. Torcato. Tinham-me falado num fenómeno de precocidade artística — um petiz de 10 anos que, empoleirado num banco e sacudindo as cordas num extasi de pianista inspirado, arrancava ao bronze dos sinos divinas harmonias como se as almas de Beethoven, Schubert, Mendelssohn, cujas composições ele interpretava... de ouvido, voassem em redor daquela pequenina alma, guiando-a generosamente. Quis conhecê-lo. S. Torcato é um arrabalde de Guimarães, e o Santo, milagreiro entre os maiores, é adorado pelo povo, que todos os anos, no seu dia, enche o campo que cerca a igreja com as cestas da merenda, os picheis do vinho, os *flirts* ingénuos, os descantes, as rodas, a alegria berrante e vistosa das romarias minhotas. O pequeno sineiro foi o pretexto. Entrevistei-o. Esqueci-me já do que ele me disse. O interesse da reportagem foi muito outro. É que o templo conserva o cadáver intacto do próprio S. Torcato — exposto aos crentes e curiosos numa urna de cristal, envergando vestes doiradas e com a cabeça coberta pela mitra, pousada numa almofada alvissima.

S. Torcato, antes de ser santo, era um luso bravo e valente. Bispo e guerreiro,

agrupava à sua volta os patriotas e atacava rijamente os mouros invasores. Ao defender Braga — ou Guimarães, não estou certo — recebeu um golpe de adaga que lhe cortou as carótidas... Isso foi, senhores, alguns séculos antes da fundação da nacionalidade. Ficou, como perfume mágico estagnado na atmosfera, a fama da sua santidade, dos seus milagres e do misterioso desaparecimento do seu cadáver. Tinham-no visto cair; correram a buscá-lo — e já lá não estava, como se a terra tivesse alçapões, ou como se a carne houvesse ascendido ao céu, juntamente com a alma... Só dois séculos depois o cadáver de Torcato, bispo e guerreiro, foi encontrado, tal e qual como a tradição dizia que ele tombara. «É Santo!» — gritou o povo. E o papa canonizou-o. Ergueu-se o templo — e no seu templo repousa ele, inquietado apenas pelos olhares pasmados dos visitantes... Realmente é um fenómeno ou um milagre impressionante poder olhar-se, *ver-se* o corpo de um morto de há mil e tal anos, tão sereno, tão perfeito, tão humano como se fosse um conterrâneo nosso que tivesse adormecido. Tirando a cor da epiderme, demasiado escura, e a sensação de dureza que ela dá — nenhum outro detalhe perturba o *sono* daquele santo...

A outra reportagem é mais triste. Um crime alvorocara o Norte... Aparecera semi-afundado no lodo de uma cova, nas vizinhanças de Guimarães, o gerente da filial de um Banco. Não quero escrever nomes nem recordar episódios, tão doloroso é esse drama — e já que o criminoso também morreu, de nostalgia de liberdade, ao ser condenado à pena máxima. Quero apenas evocar o seguinte capítulo: O *Janeiro* confiara-me esse assunto e durante uma semana não saí daquela cidade — que é, sem dúvida, a mais característica de Portugal. A minha reportagem, por ser justa, generosa e serena, provocara simpatias. Essas simpatias provocaram confidências. Chamaram-me uma madrugada a uma sala deserta do hotel, onde uma das pessoas mais categorizadas de Guimaraes, pedindo-me para nunca revelar o seu nome — *pois isso podia causar-lhe a morte* —, me denunciou a existência de um grupo misterioso de jovens que se muralhavam como numa seita hermética e que se dedicavam ao culto de ciências secretas, algo de magia medieval agravada pelos recursos actuais do saber humano. E narrou-me casos, factos, bruxedos, feitiços, que me teriam provocado o riso se não fosse a associação que aquele indivíduo dava ao crime e à seita, unindo as duas coisas com argumentos tanto mais eloquentes quanto eu conhecia alguns — embora não tivesse nunca pensado nessas misteriosas raízes.

Escutei-o; não consegui dormir aquela noite, como uma criança após um conto de papões, e não ousei nunca reproduzir a conversa.

\*\*\*

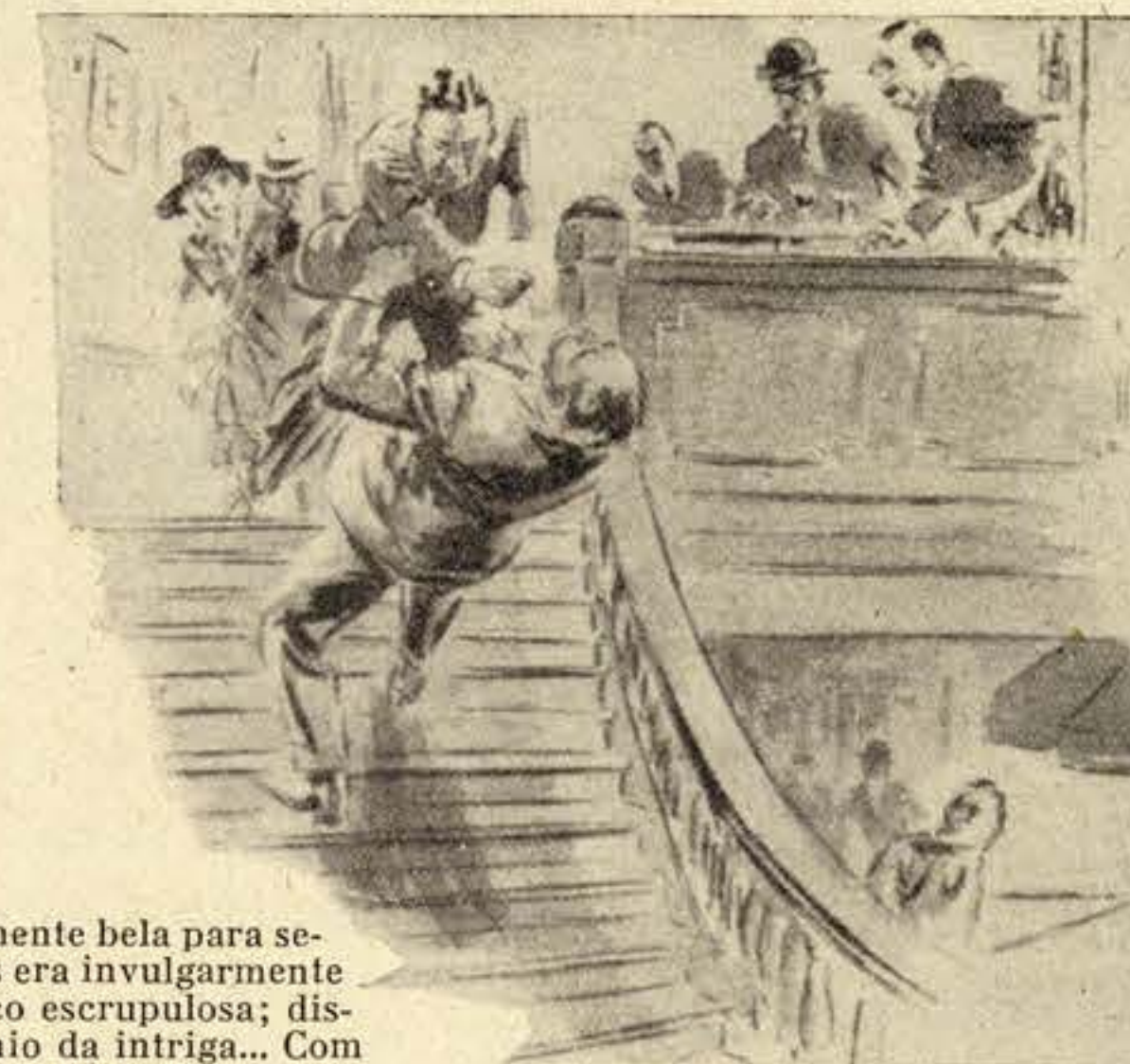
Eis o que um dos nossos amigos de Guimarães nos escreve: «Era necessário que Vv. enviassem um dos vossos reporteres a esta cidade, onde se passam factos dignos de serem revelados... perseguidos. Fez-se constar que o corpo de S. Torcato desaparecera e ainda está para se descobrir o segredo «de quatro horas» de um dia da semana passada, durante as quais no próprio templo se propagou essa notícia. A verdade é que andam a adoecer os espíritos com ameaças de fantasmas e aparições, exigindo-se, por meio desses bruxedos, prémios que quando não são materiais são morais — porque correspondem à vergonha de algumas famílias honestas. Só parte da população conhece essa epide-

(Continua na pag. 14)





# OS MISTERIOS DE LISBOA



O dia não importa. Os dias são todos monotonamente iguais; e se este se destacou da véspera e dos... outros — foi apenas pelo facto que vou narrar.

Onze horas. Grande azáfama na redacção. Chefe, secretários, redactores... e eu — todos nos agitamos e discutimos na febre e no nervosismo dêsse minuto máximo da semana, o minuto da suprema *mise-en-scène* do jornal em que se fareja, num esforço de corredor que avista a meta, a «grande reportagem» que deve suplantar todas as anteriores... Agendas, fichas, reportes, cartas, *dossiers*, telefone... Colaboradores que chegam, reporteres que vêm de devassar um mistério, informadores que nos segredam uma bisbilhotice, o lápis que rabisca notas soltas... Não é antes nem depois: é naquele minuto em que dogmáticamente, milagrosamente, há-de zigzaguear na atmosfera, embaciada de fumo, como numa ardósia, o giz da ideia sensacional... Mas nesse dia o Destino fazia-nos pirraça, secando os espíritos ou tornando-me demasiado exigente... E não sei como, alguém começou filosofando no seguinte teor:

— Contudo, o que não falta a esta Lisboa são assuntos inéditos e de magnético interesse. Todas as grandes cidades possuem para além dos olhos miopes do burguês pacato um rodapé, mais ou menos longo e tenebroso, de mistérios insuspeitados e sensacionais. Antes do jornalismo ter criado o tipo do moderno reporter eram os romancistas que sugavam, glutões, essa fonte de maravilhas... do avesso. Sue, Pimperton, Kafler, Jack Rosveet, Luiz de Vale, Fernandez y Gonzalez, Luigi Mota e até o nosso Gervásio Lobato desventraram, respectivamente, os mistérios de Paris, de Londres, de Hamburgo, de New-York, de Barcelona, de Madrid, de Turim e do Porto. Focaram a sua época, e todos eles, está provado, se empoleiraram sobre a verdade, embora depois a engrinaldassem com a fantasia. Conclui-se que cada cidade possui um engenho, uma maquinaria folhetinesca em que os *bas-fond* engrenam com os bastidores, não menos sordidos, das altas burguesias, finanças e aristocracias — quando as há... Em todas essas obras encontram-se príncipes, *grisettes*, *apaches*, condessas, megeras, agindo num só ritmo como movidos pelo mesmo dinamismo. O príncipe de Sue era o autêntico príncipe Wan-

der — um romântico polaco que fez do seu exílio, em Paris, um pretexto para aventuras novelescas. O facinora «Sanpepe» dos «Mistérios de Barcelona» era uma cópia a papel químico do *apache* catalão «El Judge» que na época da «Font del Gat» atemorizava as gentes — manobrando, muitas vezes, a soldo dum tal conde de Arenys, não menos facinora do que êle — e tal e qual como sucede no romance... Dá-se, porém, o caso dos mistérios de cada grande cidade, que formam, em cada época, um bloco, variarem com o tempo. Ora Lisboa é das cidades que menos exploradas têm sido, o que a torna, sobretudo na actualidade, um verdadeiro Alaska de emoções. Porque não há-de ser o *Reporter X* o rodapé por onde se descobrisse a actual organização dos «Mistérios de Lisboa» — porque os mistérios, em cada época, organizam-se como capítulos da mesma obra?

— Estás louco? — opinou um colega presente. — Queres-me convencer de que, por exemplo, o caso que a *vedette* B... C... me contou sobre os «Águias do Parque Mayer» está relacionado com a morte *grandguignolesca* e não falada ainda do adelo de Alfama, que aqui o Idílio está a tratar; e que ambos, por sua vez, se ligam ao intrigante mistério que esvoaça em redor daquela mui nobre dama e senhora de pomposos apelidos que, segundo o *dossier* que possuímos, mantem enigmáticas relações com certos estrangeiros de raça muito diferente; e esta áquele grego peralta cujo *travesti* nos foi denunciado e...

O chefe de redacção guilhotinou o desfile em pleno entusiasmo do reporter que o projectava, interrompendo-o com o seguinte argumento:

— Mas, seja qual for a organização natural dos «Mistérios de Lisboa», estejam todos eles umbilicalmente prêsos ao mesmo ventre monstruoso, ou formem cada um deles um mundo à parte, blindado, afastado, independente — de que nos serve a discussão se não os podemos utilizar visto que o nosso problema é a «grande reportagem» para o próximo número e não a urdidura dum romance para sair daqui a meses?

O silêncio friorento que êste duche de lógica provocára foi-me propício ao funcionamento das rodagens cerebrais. Súbito — comecei a viver o «minuto» supremo da semana, aquele que decide do êxito do número que segue. Ei-lo:

— Pois bem, rapazes. A «grande reportagem» da semana vai ser, de facto, «Os Mistérios de Lisboa»... Cada um de vocês põe o chapéu e só me aparece trazendo um dos capítulos, bem documentado. Eu

(Uma rusga geral dos nossos reporteres)

A grande reportagem da semana — M.<sup>me</sup> «Arminho», dama de boa sociedade — O grego elegante e a viuva suspeita — O vendedor de jornais — O vampiro — A caixa vermelha — O adelo de Alfama — As seitas chinesas — Os «Piús»

me encarrego do prólogo, da urdidura e do epílogo. Rua!!!

## Prólogo — A bruxa galante

É já lugar comum irritante evocar-se a metamorfose moral e social operada pela Guerra. As pessoas de bem resignaram-se a ela — sem a dilatarem para além da muralha da consciência; as outras, pelo contrário, aproveitaram essa elasticidade de costumes para atingirem os seus fins: gozar a existência em todos os seus prazeres — sem sacrifício para a sua mandriice... Toda a *mala-vita* nacional, escândalos, mistérios, sonhos, crimes, não dos que os jornais anunciam, que a Polícia persegue e a Justiça castiga, mas dos outros, dos que

o restante da população apenas se apercebe dos seus pálidos reflexos, dos que têm uma máscara de ouro, cravejada de luzes, e sob a máscara uma carranca monstruosa, laivada por vezes de sangue, e que nem a Polícia, nem a Justiça, nem a opinião pública conhecem porque formam como que uma seita, todos os folhetins do *bas-fond* lisboeta giram em redor da mesma tentação: o prazer, o luxo, o amor e não trabalhar...

O símbolo dessa fauna é *Madame «Arminho»* (os nomes de todo o elenco ficam assim velados, sob pseudónimos discretos). Herdeira de um nome ilustre, só do nome, visto que a família esbanjára toda a fortuna, encontrou-se sequiosa e sem recursos para se saciar — em plena mocida-

O «Estado Maior» dos «Piús» reunira-se numa casa da Rua da Rosa...

O adelo estava morto...

... «a grega» recebeu um sóco que bem explicava que andasse de braço ao peito...



de. Não era subicientemente bela para seduzir amantes ricos. Mas era invulgarmente inteligente, culta e pouco escrupulosa; dispunha sobretudo do génio da intriga... Com todos êstes elementos pessoais, com as suas relações, havia de alcançar uma realidade saborosa da ambição que a queimava. Era preciso casar — porque o casamento estava na *contra-regra* dos seus planos. Casou com um marido à medida — aristocrata decadente, estúpido, pobre, inconsciente e indiferente aos manejos da esposa.

*Madame «Arminho»*, poetiza, amiga descendente, fada boa dos amores difíceis, informadora preciosa em certos negócios, criando reputações com boatos falsos e lições, esfarelando-as com minúsculos abusos de uma calúnia superior ao himalaite — criou fama, criou clientela. Deixemos o seu passado — embora êle nos desse, por si só, um enorme folheto — e tratemos da sua acção presente visto que é ela o eixo-intriga desta reportagem.

Em princípios de Janeiro, recebeu, logo pela manhã, uma amargosa visita, que foi rematada pela seguinte ameaça: «Se V. Ex.<sup>a</sup>, dentro do prazo que me pede, ou seja 15 dias, não me entregar êstes dez mil escudos com os respectivos juros, serei obrigado não só a proceder contra a sua dívida como também contra... a forma como ela foi criada, visto que a lei é igual para todos os falsificadores, sejam plebeus ou aristocratas». Como de costume, o marido foi o iman inocente (?) da cólera de *Madame «Arminho»*. Sêca nervosa, chata de formas, olhos faiscantes, ela acusava-o de causador de todos aqueles vexames, sem lhe explicar a razão: «Não penses que vou empenhar mais coisas. Basta o que basta! Tremo só ao pensar se a Alice me pede outra vez as jóias que me emprestou... para eu mostrar à Ministra de... — e cujos juros não foram pagos. E o marido de Mariana está a chegar de Paris e eu sem resgatar o cheque que descontei no seu Banco! Ah! É muito cómodo viver como tu vives, passear, comer, viajar, passar o Verão em Nice e na Suíça — e não se importar com que o dinheiro caia do tecto ou saia de algum alçapão! É cómodo, sobretudo, ter uma mulher que se encarrega de tudo e que tudo arrisca! Agora... toca a pensar, a descobrir, a ver como... como nos salvaremos desta catástrofe! Nem com duzentos contos faço o rescaldo!».

Pois bem. Esta cena — garante uma ex-creada de *Madame «Arminho»* — deu-se em Janeiro. Em princípios de Fevereiro ela pagava os dez contos, desempenhava as jóias de Alice, resgatava o cheque no Banco do marido de Mariana, libertava-se de to-

dos os perigos que a ameaçavam, desembolsando perto de 200 contos. E a partir de então a sua existência tornou-se mais dura e cara do que nunca. E a sua actividade, as suas correrias nocturnas, as suas «madrugadas» — mais intensas do que costume. Foi nessa ocasião que apareceu em Lisboa um cidadão grego que ainda se conserva entre nós e que possivelmente, tu leitor, conheces de vista...

## 1.º Capítulo — O grego suspeito

Um dos reporteres que debandara em busca de «capítulos» soltos dos «Mistérios de Lisboa», regressa à redacção e conta:

— Chegou a Lisboa, no princípio dêste ano, um grego de nome Constantino K..., que trazia uma única carta de apresentação — para *Madame «Arminho»*. Era um moço de 25 anos — dizia —, embora aparentasse menos, duma gordura apenas notável nas curvas plásticas, um rosto ameniado, demasiado belo para homem, tão escanhoado que mal se viam vestígios de barba. Segundo seus desabafos, pertencia a uma das melhores famílias de Athenas — mas a política arruinára o pai e êle, que fôra educado para uma vida mundana, via-se na necessidade de se dedicar aos negócios e foram os negócios (não explicava o género) que o fizeram tomar o rumo de Lisboa. *Madame «Arminho»* ofereceu uma *soirée* para o apresentar à melhor sociedade; o grego deliciou os convivas tocando admiravelmente Schubert e Beethoven — e a partir de então os seus negócios limitaram-se ao passeio com *Madame «Arminho»* ou com algumas das amigas mais características da sua protectora. Note-se: o mais bizarro dêste sr. Constantino, que aparece, às vezes, pelo *Tavares*, pela *Garrett*, pelo *Internacional* do Estoril, é que jámais o viram acompanhado de outro homem: acamarada exclusivamente com damas. Esteve primeiro num hotel do Camões e alugou, depois, um *appartement* na Rua da Emenda. Em Abril esteve no estrangeiro, regressando 15 dias depois. Em 2 de Maio sofreu um *vexame* lamentável. Uma Polícia estrangeira pediu confidencialmente uma revista à sua papelada. Os agentes encarregados dêsse serviço vigiaram a casa durante dôze horas. Viram-no entrar a êle, acompanhado de duas damas de boa (?) sociedade; viram

(Continua na página 12)



# Um crime misterioso que há sete anos apaixonou a

## FRANÇA

**A tragédia de Philippe Daudet - Crime anarquista ou crime policial? - Um julgamento célebre - Um Arsénio Lupin - Um desenlace imprevisto**



Leon Daudet

POR muito indiferentes que sejam os portugueses ante todos os acontecimentos estrangeiros que sacodem, com violência, os nervos da Humanidade — a misteriosa tragédia do pequeno Philippe Daudet não lhes podia passar despercebida. E há oito anos que esse mistério se prolonga, agitando-se, de tempos a tempos, em novas tempestades que o adensam e o tornam mais angustioso. Mas eis que, subitamente, surge um zero humano, alguém que ninguém conhece, e diz: «Fui eu o assassino dessa criança!». Fala verdade? Todos os que acusavam a Polícia ou o «chauffeur» ou os anarquistas estavam equivocados? Ou trata-se de mais uma jornada, de mais uma intriga, de mais uma conjura?

### Os 3 Daudets: Avô, pai e filho

Houve um grande Daudet — Alfonse —, romancista celebre, romântico, piedoso, febril, de ideias luminosas e avançadas. Era magro, ágil, elegante, a guedelha solta, os olhos quentes de febre e de sonho. Teve um filho, Leon Daudet, que orça hoje pelos 50, gordo, ventruado, bochechudo, burguês, retrógado com prosápias de estar além do além, inteligente, sim, um jornalista panfletário dos mais violentos, fazendo da pena um *knut*, não hesitando em acusar das mais fantásticas monstruosidades os seus inimigos políticos, chefe dos realistas franceses, director do jornal *Accion Française*, muito Tartarin, mas Tartarin perigoso, visto que fez fuzilar muitos adversários durante a guerra — sabe Deus se completamente culpados. Leon, filho de Alfonse, tinha também um filho: Philippe. Philippe era, aos 15 anos, uma criança de aspecto débil, embora um homenzinho precoce, inteligente, sensível, nervoso, neurasténico, achacado da alma, sofrendo muito e em silêncio com as atitudes do pai, len-

do, estudando com febre. Dir-se-ia que a alma do avô se reencarnara no neto — atrofiada pela herança que este recebera do pai, o terrível reaccionário. O pequeno Daudet tinha crises de melancolia que o obrigavam a afastar-se do lar. Tentára já uma vez partir para o Canadá, como moço de bordo. Um dia, em Novembro de 1923, desapareceu de casa. — «Mais uma crise! — disse Leon para a esposa. — Não te apouquentes. Ele voltará». Enganava-se. Não voltou mais!

### A tragédia

Dias depois — em 25 — os jornais de Paris davam, em três linhas, a noticia do suicídio de um jovem desconhecido que dera



O «chauffeur» Bojot

um tiro no crânio, dentro dum *taxi* guiado pelo *chauffeur* Bojot. Ninguém ligou importância a esse eco, ninguém supôs que o jó-

vem suicida fôsse o filho de Daudet — e contudo aquelas linhas eram os *coups de Molière* da tragédia que ia começar. Na manhã de 27, o diário anarquista *Le Libérateur* publicava um sensacional artigo do seu director, Vidal, contando o seguinte: Na semana anterior apresentara-se no seu gabinete um moço que declarara ser Philippe Daudet e se confessava anarquista: — «Há muito tempo que eu ardo nesses ideais, que souro pelas injustiças da sociedade actual, que eu, sem odiar, sinto a necessidade de destruir, para se criar um mundo melhor. Fugi de casa, e quero seguir a vida arriscada e nobre dos anarquistas de combate. Vidal, pasmado ante aquele entusiasmo, aconselhou-o, teimou até, para que voltasse para os pais. Mas ao convencer-se de que tudo era inútil — confiou-o a um ca-



Philippe Daudet

sal de partidários. Ao entrar nos meios anarquistas, a imaginação do pequeno exaltou-se mais ainda; e, por fatalidade, trava relações, sem que os seus companheiros saibam, com um indivíduo suspeito: um tal Flaoutter, que, embora se dissesse anarquista, era considerado um espia da Polícia. Este traidor, depois de suggestionar Philippe com a ideia de crimes berrantes, refugiou-o no subterrâneo da sua livraria no Boul. Beaumarchais. Nas entradas e saídas, Philippe percebe que está vigiado pela Polícia, e abandona a livraria. — «Depois não o tornei a ver!» — afirma o suspeito Flaoutter. Por sua vez, Bojot, o *chauffeur*, declara: «Esse rapaz tomou o meu *taxi* ao canto do *boulevard* e mandou-me seguir para o Circo Medrano. Minutos depois ouço um tiro, volto-me, vejo-o caído na banqueta, chamo um policia e... não sei mais nada».

Desenterra-se o cadáver — e os pais reconhecem o filho! Tréguas aos ódios políticos — ante aquela dor! Mas Leon Daudet é que não perdeu a oportunidade. Começou imediatamente a batalha: «Meu filho não se suicidou. Foi assassinado! E hei-de prová-lo!».

(Continua na página 14)



# CONFIDÊNCIAS célebres de barbeiros



NÃO há pior cliente dos barbeiros do que nós. O ambiente das barbearias pesa-nos no peito como um Himalaia de chumbo. O «queira esperar um bocadinho que vai já ser atendido», os «Boas festas aos excelentíssimos frêgueses», as conversas arrastadas, insípidas, que somos forçados a escutar por mais que pretendamos enfronhar-nos na leitura requeitada dos diários, as mesuras dos pedantes ante os espelhos de cristal, tudo, tudo, incluindo o barbeiro na sua função profissional de nos maçar os queixos é infinitamente antipático ao nosso feitio pessoal. Só de mês a mês, e isso mesmo com hesitações e evasivas, entramos numa barbearia para cortar o cabelo. A entrada num dentista não nos seria menos penosa. Somos dos que proclamam aos quatro ventos as vantagens da *gilette*...

Como de costume, da última vez que entrámos numa barbearia — um estabelecimento modesto, tranqüilo, sem confusão de clientela, sem engraxador, nem «manucure» — sentimos a impressão de que nos íamos sentar voluntariamente na célebre «cadeira eléctrica» dos condenados à morte. Coube-nos, na nossa vez, para nos servir, um oficial, à antiga portuguesa, um quarentão sadio, de bigodeira farta e retorcida.

— Cabelo e barba.

E sobre esta indicação fechámos-nos num mutismo feroz, fazendo cara de poucos amigos para quebrar no barbeiro intenções de palestra. Ele, porém, ensaiou com várias frases-gazua abrir o segredo do nosso silêncio.

— O tempo aqueceu de repente.

— Aqueceu.

Calava-se. Passado momentos voltava à carga: — Desejava o cabelo muito curto?

— Assim, assim... — respondemos e calámos-nos.

E ele a teimar.

— Há quem use rapado à escovinha, neste tempo de calor. Os alemães adoram a cabeça rapada...

Surpreendeu-nos aquela alusão aos alemães, mas continuámos calados. Ele esgrimiu uma pergunta directa:

— O senhor nunca esteve na Alemanha?

— Nunca.

— Eu já lá estive três anos. Tinham-me dito em Paris que a Alemanha era melhor para a minha profissão. Cantigas... Nada há que chegue a Paris. Nem Berlim, nem Londres, nem Budapeste, nem Viena... Paris! Paris! Que arrependido eu estou de a ter deixado!

Olhámo-lo, admirados. Um barbeiro, e com aqueles bigodes, tão viajado! Ele compreendeu o nosso assombro.

— O senhor admira-se de que este pobre diabo tenha percorrido tanto mundo? Pois é verdade. Sou uma espécie de barbeiro errante. Dos deztoito aos quarenta anos andei sempre pelo estrangeiro. Nunca estive quieto no mesmo sítio.

— E sempre nessa profissão? — inquirimos, curiosos, atraídoando os nossos rígidos princípios de não dar trela aos figaros.

— Sempre — respondeu ele. — Um barbeiro português é apreciado em toda a parte. Com uma navalha de barba, sabão e uma tesoura, um português pode dar a volta ao mundo.

— E porque não tentou outra profissão mais...

— Mais brilhante?... Porque adoro esta, porque não há melhor *metier* para quem tem curiosidades de espírito. Um barbeiro é um pequeno sábio. Se fôr inteligente, se souber compreender e ligar os pequenos nadas que lhe chegam aos ouvidos, um barbeiro alcança gozos espirituais admiráveis. Olhe que tem havido grandes homens na minha profissão. Médicos, engenheiros, investigadores históricos têm saído de muitos estabelecimentos de cabeleireiro. Tenho estudado a minha profissão sob vários aspectos. Os mais curiosos são o histórico e o anecdótico. Quere uma fricção?

— Pois sim.

Não costumamos entregar-nos a extravagâncias que nos forcem a uma demora que vá além do indispensável. Mas desta vez... Ele riu-se.

— É caso raro o senhor querer fricção — disse-nos. Parece que a conversa lhe agrada...

— Ora essa...

E ele, logo a atalhar:

— Conheço muito bem os seus hábitos. Existe lá alguma coisa que os barbeiros não conheçam! Sei até como se chama e a que se dedica. É o sr. Mário Domingues, jornalista.

Decididamente, aquele homem desconcerta-me.

E começou a fricção.



— O senhor deve saber que há barbeiros que têm escrito as suas memórias... Não sabia? Pois as anedotas mais curiosas que se contam de Frederico, o Grande, da Prússia não foram reveladas por Voltaire, que viveu na sua corte, mas pelo seu barbeiro, um tal Hans Mehein, que escreveu um livrinho — hoje raríssimo — intitulado *Frederik, der Gross*, edição de Leipzig, de 1789. E aquela célebre cena entre Voltaire e Rousseau. Lembra-se? Voltaire foi encontrar Rousseau a escrever uma longa carta. — «Para quem estás escrevendo?» — perguntou-lhe. — «Para a posteridade» — respondeu Rousseau. — «Ai está uma carta que nunca chegará ao seu destino» — replicou-lhe Voltaire. E ficaram zangados por causa desta graça. Pois bem, esta anedota foi escutada da boca de Voltaire por Hans Mehein, o cabeleireiro de Frederico, o Grande, que a conta no livro que lhe citei. Quere loção?

— Quero.

Estava naquele dia disposto a todos os caprichos..., se demorassem.

— Aquele barbeiro Smith — prosseguiu o oficial de bigodes retorcidos — que Eça de Queiroz descreve com tanta flagrância na *Correspondência de Fradique Mendes* não é, como muita gente supõe, uma fantasia literária. Esse homem existiu. Meu pai, que foi barbeiro, que trabalhou na casa real — ah! se eu um dia publicasse as suas memórias... —, conheceu-o pessoalmente. Era, de facto, inglês e estava ao serviço do Conde de Rezende, mais tarde sogro de Eça de Queiroz. Esse barbeiro, que era de um aprumo de *gentleman*, chamava-se Harry Johnson e por ele co-



piou o grande escritor aquele delicioso Smith que, todas as manhãs, recitava ao requintado Fradique as notícias sensacionais do *Times*. Queira verificar se não ficou muito curto... Está bem? Ah! quere um pouco mais apurado... Ora essa, não incomoda... Quantos pontos obscuros da História os cabeleireiros poderiam esclarecer! Olhe, sobre a passagem de Junot pelo nosso país há coisas interessantes. Foi um barbeiro quem serviu de agente de ligação entre esse general francês e algumas senhoras portuguesas. Levava recados do devasso para várias fidalgas e até para bailarinas de São Carlos. Ao Junot todas serviam. A tragédia de Lydia Toscani, uma bailarina, que Junot havia seduzido em tempos e que veio encontrar em Lisboa, teve a sua origem nesse cabeleireiro que se chama Luiz Costa. Vamos à barba...

O figaro, enquanto amolava a navalha, em gestos compassados, e nos maquilhava de sabão, ia falando, falando sempre.

— Conhece o caso de Landru. Não conhece? Estava eu em Paris, por esse tempo. O vampiro fôra condenado à morte. Na véspera da execução, Dupont, um colega meu, que tinha uma espécie de exclusivo de barbear presos, com numeroso pessoal por sua conta, foi chamado para serviço de Landru. Em vez de mandar um dos seus oficiais, foi ele em pessoa. Tinha curiosidade de ver Landru na véspera da execução. Encontrou-o sereno, sorridente. Aparou-lhe a barbiga de fauno. A certa altura, aquele homem que ia morrer na manhã seguinte, que tinha apenas umas horas de vida, admoestou-o: «Dupont — disse-lhe —, repara como ficou a barba deste lado. É um horror». E obrigou-o a cortá-la em simetria perfeita. Dir-se-ia que tencionava viver, pelo menos, uma semana. Não quere patilha, pois não... A face desimpedida é melhor... A navalha magoa?...

Não magoava. E que magoasse, que importava, se ele já estava a contar o caso de Luiz XVI e o seu cabeleireiro!

— É simplesmente estúpido. Luiz XVI tinha com o seu barbeiro uma grande familiaridade. Era uma reliquia da corte. Na altura em que lhe passava a navalha sob o queixo, o rei disse-lhe: «Henrique, essa navalha parece-me um cutelo para decapitar, toma cuidado...» — «Sire, respondeu-lhe o barbeiro, o cutelo é para os criminosos». — «Bem sei — replicou Luiz XVI. — Não queiras, portanto, transformar o teu rei num criminoso». Mais tarde Luiz XVI era decapitado.

Sentimos na espinha um arpejo. O nosso interlocutor passava-nos naquele momento o fio da navalha, muito fria, sob o queixo. Um leve movimento, pensámos, dar-nos-ia morte irremediável.

As anedotas, cómicas e trágicas, sucederam-se, umas atrás de outras, durante mais de uma hora. E pela primeira vez saímos de uma barbearia com saúdaes.

MÁRIO DOMINGUES



sair a creada que lhe trata da limpeza; viram sair aquelas damas; e só então se resolveram a cumprir as ordens recebidas. Com grande surpresa foi uma dama desconhecida, em «kimono», e não êle, quem entreabriu a porta: — «Esperem um instante; vou chamar o sr. Constantino». O sr. Constantino demorou-se bastante — e sempre apareceu a recebê-los. Os agentes devassaram toda a casa, não encontrando o que buscavam — nem sequer a dama em «kimono» que lhes falara primeiro. — «Essa minha amiga saiu, enquanto os senhores estavam vasculhando o meu gabinete» — explicou o grego. Apesar de tudo esse grego é suspeito à nossa Polícia. Ele bem o sabe. Além de *Madame* «Arminho», possui outra grande amizade — a de uma senhora francesa, *Madame Yvette T...*, viúva de um financeiro que gozou de certa aureola no nosso meio e que, depois de velho, resolveu casar com aquela aventureira que soubera entontecê-lo. *Madame Yvette* teve uma mocidade reles em Bordeus, foi amante de um *apache* que acabou na Guayana; fugiu para a Algéria, onde exerceu várias profissões inconfessáveis, e veio por fim para Lisboa, onde casou. Inteligente, ainda bela, apesar de quarentona, elegante, de fácil adaptação — freqüente boas casas lisboetas. Vive para as bandas da Estrêla, tem automóvel... Segundo consta a Z... (Z é outro dos nossos reporteres), a vizinhança estranha muito o apreço que ela dá às bugigangas dos chineses. Raro é o dia e mesmo a noite que não recebe a visita de um ou mais *chinas*, com os respectivos tabuleiros de colares falsíssimos. O grego também a visita a miude, mas *Madame* «Arminho» não a conhece e mostra até certo desprezo por ela, quando a evocam. Um detalhe: Constantino apareceu há semanas com o braço ao peito e o rosto pontuado de pequenas feridas. Diz que foi um desastre de moto, mas nunca o viram em tal aparelho...».

## 2.º Capítulo — O Adelo de Alfama

Existia há muitos anos, à esquina do sugestivo beco da Fornalha, em Alfama, um adelo, o mais miserável de todos os miseráveis daquele bairro aflitivo. Era conhecido pelo apodo do «Mal a pior» — porque era este o seu estribilho para explicar que o negócio piorava todos os dias. O «Mal a pior» era um velho asqueroso, sórdido, encardido, empastelado na negrura da sua estreita lojeca, atravancada de roupas velhas, ferro-velho, caixotes, latas — num conjunto que recordava um barril de lixo. Uns afirmavam que o velho era rico e aparentava miséria com medo de que o roubassem; outros, que era pobre — e argumentavam com o facto de não haver memória de se ver entrar no seu covil um único cliente. E mais ainda. O adelo, que mal tinha espaço para estirar o seu corpo para dormir, alugara um recanto para dois *chinas*, dês-se das bugigangas, pernolítarem a tróco de uns cobres que mal chegavam para comprar pão. Ora o «Mal a pior» morreu há pouco tempo. Veio a notícia no *Século* e no *Notícias*, em todos os diários, sob o título «Morto sem assistência». Um dia os vizinhos notaram que o velho não abria a porta. Ao meio da tarde chamaram por êle — e êle não respondia. A Polícia forçou a porta e foi encontrá-lo morto. E nada mais se disse.

Mas um outro reporter nosso traz-nos a seguinte versão sobre a morte do adelo: «Duas noites antes e já próximo da madrugada, um vizinho que fumava à janela viu parar frente à lojeca uma carroça de mão, puxada por um rapazote, e contendo apenas uma caixa quadrada..., pintada de vermelho. O velho apareceu, e cauteloso,

# Os mistérios de Lisboa

(Continuação da página 9)

segredou fôsse o que fôsse ao condutor — e a carroça desapareceu. Pouco depois entravam os hóspedes *chinas* — e só uma hora volvida é que a carroça e a caixa vermelha reapareceram, ajudando o velho a transportá-la para o interior do covil, com evidente medo de ser pressentido ou visto. Quando, dois dias depois, a Polícia descobriu o cadáver, atribuiu a morte a doença que tivesse fulminado o adelo durante a noite. Mas ao que parece, na Morgue houve suspeitas de crime — e tanto assim que se pensou em fazer autópsia... Ignoro se chegaram a fazê-la — nem admira que não a fizessem. O velho não tinha família e o senhorio, ao tomar conta da lojeca exigiu, prudente, a presença da autoridade. Não foi encontrada em parte alguma a tal caixa vermelha — mas em compensação, os colchões sórdidos do velho, ao serem estripados, revelaram a existência de trinta contos em notas de dez, cinqüenta e cem escudos. Outro detalhe: Os hóspedes *chineses* nunca mais apareceram...».

## 3.º Capítulo — «Madame» Yvette

Eis o depoimento do repórter Z...: «*Madame Yvette T...* é uma velha caprichosa e louca. *Compra* os seus amantes, seja por que preço for, e, muitas vezes, a sua escolha cai em rapazes novos e elegantes, a quem ela deve repugnar, mas que... aceitam, vergonhosamente, o pacto. Assim se explica que *Madame Yvette* tenha queimado quasi toda a fortuna do marido falecido. Encontrou apenas um fracasso na sua vida amorosa... Um dia, conheceu um vendedor de jornais, moço do povo mas de boa aparência, 17 anos sádios e frescos, que se distingue dos seus colegas pelo cuidado do seu porte, modesto mas limpo. É conhecido pelo «sobriquet» de *Fitinhas*. — «A senhora está muito enganada comigo! — protestou o rapaz. — Se eu gostasse de si, não precisava do seu dinheiro para nada! Passe muito bem e bata a outra porta!». Ele não a esqueceu, e como o seu negócio de jornais é feito na Estrêla, sabe muita coisa. Sabe, por exemplo, que, uma madrugada, parou um automóvel à porta de *Madame Yvette* e dêle desceu um sujeito muito alto, magro, «um perninhas de aranha», um sobretudo pelos ombros e chapéu de côco enterrado até às orelhas. Ia ajujado com uma caixa vermelha, e o sobretudo caiu-lhe. O *Fitinhas*, occulto num portal, a custo conteve o riso, apesar da surpresa causada. Calcule-se aquele corpo magríssimo do cavalheiro, as «perninhas de arame», tudo modelado por um *maillot* negro e estreitíssimo, à laia de «vampiro», e o chapéu de côco no alto, a rematar a caricatura. Aflitivamente, o sujeito olhou à volta, medroso de que o tivessem visto naquele traje! A rua estava deserta. Pousou a caixa no chão e *Madame Yvette*, que viera abrir-lhe a porta, ajudou-o a cobrir-se de novo com o sobretudo, que apanhara do passeio...».

## 4.º e último capítulo

A última hora, entra na redacção o reporter que se encarregará de *Madame* «Arminho»: «Está preparando passaporte para uma viagem à Alemanha — ela e o marido — informa. — Mas foi resolução rápida. De manhã dissera a alguém que, este ano, só

para Agosto iria ao estrangeiro. Perto da uma da tarde apeou-se o grego dum *taxi* — continua de braço ao peito —, entrou em casa dela, e pouco depois o marido apareceu, para retirar do carro uma caixa vermelha, que levou para cima. Logo a seguir saíram os três, em direcção ao Governo Civil, por causa dos passaportes...».

## Epílogo

...Aliás, quando eu os lançára na pista de «detalhes», já conhecia o dinamismo que dominava êstes «Mistérios de Lisboa». Falavam-me *alguns capitulos e certas confirmações*. Como o soubera? Isso é comigo, e graças a esta intransigência com que velo sempre os meus segredos profissionais, é que sou tão procurado em certas horas de desabafo...

Ignoro se *Madame* «Arminho» traçara já o plano e apenas lhe faltava o cúmplice, ou se foi o grego... ou antes a *grega*, visto que Constantino K... chama-se Helen K... e é bem conhecida da Polícia de Athenas (assim se explica que a Polícia tivesse encontrado uma dama em «kimono», em sua casa..., e ainda a intimidade com as damas), ou se foi a *grega* — dizia eu — quem a inspirou. A apresentação que o falso Constantino trouxera era de molde a *Madame* «Arminho» não hesitar nem desconfiar...

*Madame* «Arminho» sabia da existência de duas vastas seitas *chinesas* na Europa (onde existem dois *chineses* nasce logo uma sociedade secreta). Uma, inofensiva, conhecida pela Polícia alemã sob o rótulo de «Wandererer», com sede em Berlim e irradiada por todos os países, e que vive honestamente da venda de bugigangas. A outra..., a outra é *de cuidado*, como dizem os espanhóis. É a dos «Piús». Ignora-se a sede, mas conhecem-se as intenções, que são as de puro banditismo. A sua acção faz-se sentir, mas é difícil de perseguir, e muito mais de evitar. Ambas estão representadas em Portugal. Ambas têm um chefe supremo na sede e um delegado no nosso país. O delegado da dos vendedores de bugigangas é um paucado *china*, que está actualmente no Porto, e que casou com uma senhora italiana. O da outra, só *Madame* «Arminho» conseguiu saber quem era... O seu plano é formidável, reconheço-o!

Um dos grandes negócios, na Europa, dos «Piús» é o... contrabando para a América. A fronteira do Pacífico está infranqueável para êles. Resta-lhes a do Atlântico. *Madame* «Arminho», associada à *grega*, e esta associada a *Madame Yvette* formavam a conjura, e esta consistia em propôr ao chefe dos «Piús» uma mala diplomática, pela qual podia entrar nos Estados Unidos uma dose de ópio cujo valor de contrabando atingia 2.000 contos! A *grega* (conhecida como traficante de alcaloides e como tal fora já denunciada à nossa Polícia) conferenciou com o «Estado Maior» da seita, que veio, por fronteiras diversas, a Lisboa, e que se reuniu, segundo me consta, numa casa da Rua da Rosa. Pelo menos, os vizinhos dessa casa notaram, certa noite, uma estranha afluência de *chinas*... bem trajados... Dois espíões dos «Piús» ficaram hospedados no adelo de Alfama, velho traficante dêstes negócios. O velho quis traí-los, e pagou com a vida a ambição de ficar com uma parte do ópio que devia ser exportado... *Madame* «Arminho» combinara tão bem a farsa que os *chineses* se venceram de que ela, realmente, podia pôr em prática o seu plano. Mas exigia dinheiro adiantado, para... subornar cúmplices — dizia. Os *chinas*, que lhe prometeram um terço do lucro, avançaram-lhe 400 contos. A ousadia dos três associados atingiu tal descaro que chegaram a apresentar aos amarelos... a mala diplomática, confectio-



# Afonso XIII responde a um artigo do Reporter X

(Continuação da página 5)

nada por eles com todos os documentos. Mas desde Abril que estavam adiando a expedição, e os chineses impacientaram-se. Na segunda viagem da grega a Madrid, já os «Piús», que ali aguardavam o resultado da proeza, se encolerizaram, farejando uma burla, tendo ela recebido um sóco, que a derrubou numa escada, de que lhe resultou a fractura dum braço. Os amarelos tinham outro branco ao seu serviço, em Lisboa. Sei apenas que é italiano, magro, magríssimo, e que conquistou fama de um admirável «rato de hotel». Devia ser ele o que o *Filinhas*, vendedor de jornais, viu de *maillot* negro de «vampiro», à porta de *Madame Yvette*... Este cavalheiro, em nome dos chefes, ameaçou-os, caso... não cumprissem o combinado e já meio pago. Tentaram então um golpe de audácia. Recolheram todo o ópio espalhado por Lisboa, ao cuidado de vários chineses cúmplices (não confundir com os honestos vendedores de bugigangas...), e indicaram-lhes a maneira de assistirem à partida da mala diplomática. De facto, eles assistiram, e telegrafaram aos chefes, que logo pagaram o que faltava pagar. Mas horrível desilusão será a sua quando os agentes da América lhes comunicarem que as tais malas diplomáticas o eram de *verdade*, mas que não continham nem um grama de ópio! Daí a pressa com que *Madame Arminho* e o marido partiram para o estrangeiro. A grega e *Madame Yvette* não devem demorar-se, também...

Quantos mistérios como este Lisboa não oculta! *Madame Arminho*? Mas pensem bem no significado desse pseudónimo e não tardarão em saber quem é...

REPORTER X

## Dramas e larsas que os anuncios occultam

(Continuação da página 4)

o mundo, é o de emprêgo para senhoras. Um apareceu há meses, e era tratado na Rua Eugénio dos Santos. O andar para que se pediam essas empregadas era a continuação do Club O., que tinha uma saída por uma escada que ia dar a essa rua. Que significaria esse anúncio? Uma armadilha? Quantas raparigas honestas teriam caído naquele antro freqüentado por mulheres duvidosas, de vida alegre e desbragada?

Quantas vítimas farão por dia os anúncios-cilada que se publicam nos grandes jornais? Eis uma estatística que, se se fizesse, deveria revelar verdadeiras monstruosidades.

M. D.

COISAS QUE TODOS  
DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO  
vende os afamados  
Tapetes de Beiriz,  
faianças artísticas  
e mobiliário  
género antigo

Rua Ivens, 30 a 34  
Telefone 2 6064

sala, cego pela escuridão que a enegrecia. Acompanhavam-me outros jornalistas. Eu era o primeiro da fila, e avancei até encontrar o caminho barrado por alguém que já se sentara, e ao lado de quem me sentei também. Não tinha fósforos e o camarada da direita — Diego de S. José — tampouco os tinha. Pedi lume ao desconhecido da esquerda. Duas vezes repetiu o favor, até que à terceira, estendendo-me uma caixa de fósforos, disse: «Guarde-a. É melhor!». Acenderam-se os lustres da sala, e qual não é o meu pasmo ao reconhecer... Afonso XIII.

É que o ensaio geral era de uma opereta que devia servir de estreia à formosa Piñillos.

\*\*\*

Dêsse episódios guardei na memória os seguintes detalhes de Afonso XIII: Unhas curtas, roídas.

Dedos amarelados pelo tabaco. Dentes cinzentos, em serra, e picados de negro. Voz fahbosa, tanto mais a n asalada quanto mais ele procura abaritoná-la. O hábito descobre-lhe más digestões. Fuma continuamente, molhando muito com a saliva o cigarro. Tem um «tic» nervoso. Contorciona o pescoço, como se os colarinhos o incomodassem. Duas vezes se assoou diante de mim (os reis também se assoam...).

Uma das vezes notei que uma das pontas do lenço estava atada em nó...

\*\*\*

Há dois números, no artigo *O Rei das Lotarias*, falei da vida financeira de Afonso XIII. Pelo visto, S. Majestade ou leu ou lhe leram essa reportagem. Grande surpresa e... (porque não?) certa vaidade, ao receber uma carta datada de Londres e assinada pelo sr. Conde de Castromero (Juan Eduardo Basto Hoyos Talvera y Bazan de Castromero), creio que um dos novos secretários do ex-soberano. A epistola é encimada pela *en-tête* do Hotel Savoya. Diz o seguinte:

«No jornal que V. dignamente dirige, publicou-se há pouco uma reportagem, em que se fazem importantes afirmações a propósito da fortuna de S. Majestade Afonso XIII e das suas relações financeiras. Quaisquer que sejam os sentimentos políticos e pessoais de V. ante S. Majestade,

faço a justiça de considerá-lo um jornalista honesto e desejoso de escrever apenas as verdades. É este convencimento que me leva a escrever-lhe, visto que S. Majestade teve conhecimento do citado artigo, e amargurou-o a injustiça, sobretudo por vir dum jornalista português. Dentro do legítimo direito de defender os seus interesses pessoais, os administradores de S. Majestade — e não Ela — podiam ter-se relacionado com os financeiros que V. considera suspeitos. É muito freqüente chocarmos-nos, a meio d'esses assuntos, com indivíduos cujo passado ignoramos e, só devido a essa ignorância, deixarmos-nos aboridar por eles. Mas o que não é verdade é que S. Majestade transaccionasse pessoalmente com as pessoas que cita, e muito menos que as recebesse no seu palácio. Ultimamente, o único banqueiro a quem S. Majestade, *indirectamente*, confiou esses negócios foi ao inglês James W. Walter, cujo nome é bem conhecido, visto que tem desempenhado igual papel sob missão de outros Chefes de Estado. Sobre outro artigo de V. sobre os «alcapões do Palácio do Oriente», que igualmente chegou às mãos de S. Majestade, podia eu rectificá-lo, mas muito grato ficarei já se V. se dignar atender a este meu pedido. De V., etc.—*Conde de Castromero.*»

\*\*\*

É-me agradável saber que S. Majestade, o ex-rei dos espanhois, lê, nas horas de repouso, os artigos do *Reporter X*. Quanto aos seus financeiros, que pegam contas ao autor do artigo do *Dia Gráfico*, de Barcelona, por onde me guiei, e que citei...

R. X.

## Casa Pia de Lisboa

A fim de se recolherem, com a maior brevidade possível, uns questionários que interessam aos ex-alunos da Casa Pia, pede-se a todos os casapianos que ainda os não possuam a fineza de os procurarem nas seguintes casas:

Aquiles Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 209 a 213; Vítor Gonçalves, L., Rua do Ouro, 152; Barbearia Tomaz, Rua da Vitória, 44; Manuel da Silva, Rua do Carmo, 70 e na Casa Pia de Lisboa, na portaria.

Depois de devidamente preenchidos podem ser enviados à Rua dos Douradores, 134, 2.º D. — Lisboa.



## Um crime misterioso que há sete anos apaixonou a França

(Continuação da pag. 10)

### A batalha nas trevas

Leon Daudet jurará que seu filho nunca tivera tais ideias — e que tinham sido os anarquistas que, para se vingarem dele, Leon, o haviam assassinado. Os anarquistas, por sua vez, protestaram, furiosos, a sua inocência, aparecendo então uma carta autógrafo, de Philippe à mãe, em que se confessava «anarquista desde os doze anos e que queria lutar pela justiça social.» Nem mesmo assim Leon cedeu... Mas eis que um inspector da Polícia, a soldo dos realistas, faz uma denúncia sensacional. O livreiro traidor, na mira de ganhar um bom prêmio, fechou Daudet na cave, e, sem dizer de quem se tratava, fôra denunciado ao diretor da Polícia Política (cunhado de Poincaré) que enjaulara um rapazito que estava disposto a cometer crimes gravíssimos. A Polícia invadiu as caves da livraria, e como Philippe resistira, feriram-no gravemente. Depois, temendo responsabilidades, chamaram Bojot, um dos muitos *chauffeurs de taxis* de Paris, que a Prefeitura paga... para estarem ao seu serviço secreto, e carregaram-no com o pequeno moribundo. O suicídio fôra uma farsa trágica que Bojot inventara por ordem dos chefes. A justiça, ante este escândalo, abre um inquérito — mas, está claro, arquivou o processo por falta de provas. Em 1925 ainda Leon Daudet lutava — procurando êle próprio o *chauffeur*, na esperança de que fosse este o caminho para a verdade. Por sua vez, Bojot processa Daudet por calúnias. Este processo foi um dos mais impressionantes do mundo. Durante longas semanas se batalhou rijamente no tribunal, sucedendo os mais imprevisíveis episódios. Uma tarde, um velho e sincero anarquista — Mareau — veio depor e voltando-se para Daudet disse-lhe: «Como homem e como idealista, detesto-o, sim, porque o senhor é dos reaccionários mais perigosos da França. Mas curvo-me, ante a sua dor de pai — e estou disposto a ajudar a provar que foi a Polícia quem matou o seu filho, porque tenho a certeza de que foi».

Teatro — e do bom, porque era sincero. Nada se provou, nem contra Bojot nem contra a Polícia, e Daudet foi condenado. Está ainda na memória de todos a sua fuga da prisão, juntamente com os anarquistas, a sua entrada na Bélgica, o indulto, o regresso a Paris e à batalha: «Hei-de descobrir quem foi o assassino de meu filho» — escreveu êle várias vezes na *Accion Française*. Passaram-se anos... A misteriosa tragédia passara de moda...

### Um Arsênio Lupin

Edward Achour foi um Arsênio Lupin autêntico. Judeu inglês, nascido no Cairo, veio para Paris, para estudar Direito, mas preferiu dedicar-se à vida de gatuno elegante. Sem cúmplices, especializado num só género de roubos — o dos grandes hotéis —, fazendo uma vida de milionário, vestindo bem, falando bem, culto, simpático, mudando continuamente de terra, conseguiu em dez anos roubar vários milhões de francos, em jóias. Possuindo capital para os seus luxos — nunca tinha pressa em vender as jóias que escamoteava, e

assim, nesses 12 anos, a Polícia nunca teve forma de o prender. Conhecia-o, suspeitava, chegou a prendê-lo várias vezes — mas soltava-o por falta de provas. Êle próprio se intitulava Arsênio Lupin. Conhecia diplomatas, jornalistas, políticos, banqueiros... Mas tudo cansa. Em 1927, depois de longos meses de inatividade, por mandria e talvez desejo de voltar à vida honrada, viu-se na ruína. Precisava de dinheiro. Deu um golpe precipitado, em Bordeus — o roubo de um colar —, e deixou vestígios..., pela primeira vez entre centenas de roubos. Foi preso, condenado a cinco anos de prisão. Todo Paris conhecia e falava de Achour. Quem havia de dizer que...

### A confissão

A hora dos reclusos recolherem às celas, na Penitenciária de Gironda, houve um que se destacou e pediu aos guardas para falar ao director. Este recebeu-o bem: «Você tem sido um preso modelo; foi condenado a cinco anos; faltam-lhe apenas 14 meses para regressar à liberdade e espero conseguir um encurtamento dêsse prazo... O que quer V. de mim?»

— Sr. director, eu não tenho ilusões. Estou tísico. Não duro o tempo necessário para tornar a ver a luz do sol em liberdade. Desejo desabafar a minha consciência... Fui eu quem assassinou Philippe Daudet!

A notícia pasmou toda a gente. Será verdade ou mentira? Se é verdade — porque é que matou? Que mal fizera aquela criança generosa e sonhadora áquela desvirado, simpático e bondoso, apesar de gatuno?

O mistério fica resolvido? Creio que não...

## O fantasma de S. Torcato

(Continuação da página 7)

mia de medo — visto que os heróis desta conspiração obrigam as suas vítimas a não propagarem o que lhes sucede. V. sabe que eu estou para casar — e as noivas, quando são honestas, não têm segredos para os futuros maridos. Ora, precisamente, os meus futuros sogros são das muitas vítimas dessas *chantages*. Uma noite, encontrei a minha noiva nervosa. Interroguei-a — e ela confessou-me a verdade. Andava um fantasma... pelo telhado da casa — e parecia ser o fantasma de S. Torcato. Nada lhe disse das minhas intenções, ocultei-me, esperei — e vi. Vi um vulto estranho, assustador, deambular sobre as telhas, gesticular, guinchar, soltar o «grito de Sivas», aparecer e desaparecer. Que se trata de uma mistificação, não duvido — mas não grosseira, à moda antiga. Os cavalheiros dispõem de processos modernos para que a ficção seja completa: faróis, sombras artificiais, balandras com *escamas-electrizadas* (?), etc.. Confesso que o tal fantasma afflige... como se o fôsse de facto. Outro dia, no Café Egípcio falou-se muito de um outro fantasma de S. Torcato que surge em certa quinta dos arredores. Também houve quem visse um «auto» apetrechado especialmente para... êstes *films*, projectando luzes sobre certa janela; e graças a essas luzes desenhavam-se silhuetas misteriosas nos cristais. Um detalhe para terminar. Após uma dessas *aparições*, percorri o telhado e encontrei um... *botão de osso*... Não creio que os fantasmas usem dêsses detalhes de *toilette*. E todo o jôgo da seita (que pratica missas negras e faz evocações extravagantes) gira à volta de S. Torcato. Por muito pouco católico que eu seja — repugna-me sobretudo êsse sacrilégio. Mas o romance tem muitos capítulos. Venham cá — e verão!...»

Iremos...

## Como cada povo vê os outros povos e como os outros povos nos vêem a nós

(Continuação da pag. 3)

que é inglês; ou que Londres não reque os seus *toasts* com *champagne*, que é francês. E o que sucede nestes costumes frívolos repete-se na moldagem dos caracteres e na bússola das psicologias. E contudo, a-pesar dessa semelhança, cada vez mais monótona, os povos teimam em ignorar-se e caluniar-se...

\*\*\*

A Espanha pode esquecer Goya, perder todo o seu *castizo*; Madrid possui *boulevards*, como Paris; Barcelona, «arranha-céus», como Chicago; Sevilha, «Palaces», como Londres, que há-de ser sempre a eterna pandeireta lantejoulada, com *jitanas* de *manton*, *toreros* com *trajes de luces* e amantes ciumentos com navalhas de ponta e mola. Um imitador de Mérimée, o belga Vanderly, escreve de Espanha moderna: «Era meio dia. Granada despertava. Pelos cafés apareciam os primeiros «diestros», com a sua inseparável espada à cinta, que êles acarinham como se fosse uma guerreira». Todos os que conhecem a Alemanha não ousam negar um dos seus maiores tesouros: a beleza, a elegância, a simpatia, a flexibilidade das suas *fraulleins*, que, se não suplantam as parisienses, têm sobre estas a grande vantagem de infinidade dos seus tipos. Pois bem: um italiano — e de talento —, Alberto Condi, escreve: «Regressi ao meu hotel como quem vem duma galeria de monstros. As mulheres alemãs só se distinguem dos homens — e nem todas — pelos *trajes!*». A Suíça — quem o duvida? — é a exemplificação modelo do civismo, da harmonia republicana, do povo integrado no Estado e do Estado integrado no povo. É um país onde presidios com capacidade para 300 reclusos, como o de Berne, que visitei em 1921, apenas abrigam 7 ou 8 presos, quasi todos estrangeiros. Um jornalista austriaco, cego de patriotismo por causa do *affaire Stuber* — intriga diplomática —, ousou fazer as seguintes declarações: «O suíço, prototipo do sangüinário paranóico, que oculta a sua tara sob uma máscara de bondade, não é só um perigo para a Áustria, é-o para muitos outros países, onde a sua intriga verdadeiramente veneziana — digna dos *Doges* — se espalha como ondas de gases venenosos...». Salto por cima do exemplo russo e passo à Turquia. Mustapha Pachá acabou por retocar a antiga Bizancio com tal energia transformadora que hoje em dia dificilmente se reconhecerá a Turquia que Carrère e Loti, há 10 ou 15 anos, visitaram. Os *trajes* são europeus; as mulheres libertaram-se dos harems e do véu muçulmano. E, contudo, um espanhol — Lucas Pujol —, que se afirma recém-chegado de Constantinopla, conta que tendo ousado espreitar o serralho dum poderoso senhor turco e tendo recebido o convite duma odalisca para se introduzir nesse serralho, caiu numa cilada, salvando-se após mil duelos cinematográficos e correiras pelas ruas desertas e labirínticas de Stambul, perseguido por centenas de cães escanzelados e esfomeados, mil vezes mais ferozes do que... os eunucos do tal harem!

Não chegariam dez jornais como êste para vos enumerar as calúnias que se desflecham sobre todos os povos. Resignemo-nos, pois, às que se espetam em Portugal...

R. X.



# QUEM É O PIRATA PORTUGUÊS QUE ASSUSTA... A



O Presidente da República China,  
Tchiang-Sai (1)  
«Pancha-Lama» (2), o alto sacerdote budista  
Marechal Tcheng-Ssue-Liang (3), assistin-  
do à partida de uma expedição militar con-  
tra uns bandos agueridos de piratas

**Os corsários portugueses e o telegrama do «Daily Express» — Fidaigo, legionário, rico, pobre, aventureiro e... bandido**

HÁ poucos números, o *Reporter X* publicava uma reportagem retrospectiva sobre os portugueses que se afirmaram ao lado dos mais célebres piratas de todos os séculos e de todos os mares — desde os orientais, que ajudaram a glorificar o nome de Portugal na Ásia, até aos das Antilhas, simbolizados por esse corsário de génio que foi Morgan..., que também soufreu a rivalidade de um português... E a pretexto dessas evocações transcreviamos um telegrama de Shangai (China), recente de dois dias, do *Daily Express* de Londres, ro qual se anunciavam novas proezas e combates dos bandidos capitaneados pelo mais perigoso dos piratas amarelos — Fung-Man; e — afirmava o correspondente inglês — o segredo das vitórias e impunidade constante de Fung-Man reside na colaboração do seu lugar-tenente, um português de nome Silva que goza fama de um estratégico moderno e inteligente. Rematávamos a reportagem prometendo mais largas informações sobre esse português aventureiro que nos surgia assim, inesperadamente, rea-

tando a tradição daqueles seus avós desvaivados que se fixaram na história graças às façanhas de corsários que praticavam.

De facto escrevemos ao nosso cônsul em Shangai solicitando essas informações — as quais só deviam chegar às nossas mãos daqui a um mês, pelo menos. Mas como o Destino protege os jornalistas e sabe que a velocidade é a condição essencial da imprensa moderna — eis que o sr. Roque Bomjardim, sargento reformado da Marinha que prestou serviços em Macau, que percorreu o litoral da China como marinheiro, primeiro, e como comerciante, depois, e que se encontra actualmente em Ovar, terra da sua naturalidade, em férias de repouso, para depois regressar à Ásia, nos envia uma preciosa carta sobre a matéria. Dessa carta reproduzimos os trechos que podem esclarecer a figura desse nosso compatriota: «Esse Silva — diz-nos o sr. Roque Bomjardim — é muito conhecido das autoridades portuguesas de Macau, onde desembarcou pouco depois de eu ter lá che-

gado — em 1925. Não se recorda V. dum boato que andou pela imprensa de Lisboa durante muito tempo — segundo o qual Abd-el-Krim tinha dois técnicos a ajudá-lo — um alemão e um português? O português era esse Silva, que fugiu a tempo e que foi direito à Ásia. Veste bem, é simpático, forte, musculoso, ousado, e gosta de todos os prazeres da vida. Levava algum dinheiro, que logo queimou. Mas depois apareceram queixas contra ele, por dividas — das lojas, dos hotéis, dos *chauffeurs*, dos *bars*, etc.... Súbito pagou a toda a gente e começou a fazer uma vida mais larga ainda — e isto durou dois anos. Descobriu-se que a sua fonte de riqueza... era o contrabando. Apesar de o prenderem, ele conseguiu libertar-se, por falta de provas. Um dos muitos escândalos que ele praticou foi o de ter raptado a filha dum dos chineses mais ricos de Macau — com quem ainda hoje vive, creio, apesar dos esforços e dos milhões que o pai gastou para que o matassem e lhe restituissem a pequena. Cometeu várias proezas em Hong-Kong, onde se refugiou depois — sabendo-se que tomara um barco com rumo a Shangai quando a policia de Hong-Kong estava disposta a prendê-lo. Como, onde e quando conheceu Fung-Man — todos o ignoram. O que se sabe é que Fung-Man redobrou de ferocidade, de audácia e de actividade desde então, visto que o cavalheiro modernizou as suas hostes, lhe ensinou prática de guerra, lhe adquiriu, por meio de contrabando, em que é mestre, 4 peças de artilharia, 120 metralhadoras, um aeroplano (que já foi... português — contos largos!) e inúmeras espingardas, munições, granadas de mão, etc.... Houve um jornal de Shangai que reproduziu... as facturas! O bando desloca-se com prodigiosa agilidade, conhece refúgios infranqueáveis, dispõe de meios de deslocação de todo o género: «gasolinas», «autos», «camions», etc....

«Quem é esse Silva? — pergunta o *Reporter X*. Eu falei duas vezes com ele, e pelo que ele me disse, e me mostrou, e pelo que me contaram pessoas que o conheciam de Lisboa, posso talvez responder a essa pergunta. O pirata português chama-se *Júlio Venâncio Cabral Rosado de Macedo e Rezende*; tem 39 anos, é natural de Sintra e descendente de muito boa família. Nunca foi *Silva*, mas usa o nome de *Júlio Venâncio Silva*. Orfão muito novo, os tutores tentaram interná-lo, por demência, antes da maioridade, para se apossarem da fortuna, que era de 400 contos (soma quantiosa para aquela época). Espancou os tutores e os médicos que iam passar o atestado de demência, e no gozo da sua herança, viajou e arruinou-se rapidamente. Tentou suicidar-se aos 22 anos num baile de máscaras do antigo *D. Amélia*. Estava empregado num Banco, quando uma nova herança — duma tia, creio — o tornou de novo rico. Quis ser militar — distinguindo-se e... desertando. Arruinado pela segunda vez — alista-se na Legião Estrangeira de Marrocos francêses. Deserta também — já com divisas e medalhas; faz-se amigo dos chefes riffenhos — e... é tudo quanto sei dele. Mu- çou de nome e não esconde a ninguém o seu «assado». É muito moreno e recorda um pouco o nosso glorioso actor Alves da Cunha.»



---

**LEIAM SEMPRE A  
NOVELA POLICIAL**

Na próxima quinta-feira, 25

**A PEQUENA  
MACAÍSTA**

**SENSACIONALÍSSIMO  
ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X**

*LEIAM*

---